



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO - CAMPUS I**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO: LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**LITERATURA INFANTIL E CINEMA: MÚLTIPLOS OLHARES AO  
CONTO DE FADAS SHREK**

**FRANCINEIDE MARTINS SILVA**

**CAMPINA GRANDE-PB**  
**MARÇO DE 2014**

**FRANCINEIDE MARTINS SILVA**

**LITERATURA INFANTIL E CINEMA: MÚLTIPLOS OLHARES AO  
CONTO DE FADAS SHREK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura plena **em Pedagogia** da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito essencial para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Professora Orientadora: Rosemary Alves de Melo

**CAMPINA GRANDE-PB**

**Março de 2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

586 Silva, Francineide Martins

Literatura infantil e cinema [manuscrito] : múltiplos olhares ao conto de fadas Shrek / Francineide Martins Silva. - 2014.  
44 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) -  
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Ma. Rosemary Alves de Melo, Departamento de Educação".

1. Literatura Infantil 2. Educação Infantil 3. Contos de Fada  
4. Cinema I. Título.

21. ed. CDD 808.068

FRANCINEIDE MARTINS SILVA

**LITERATURA INFANTIL E CINEMA: MÚLTIPLOS  
OLHARES AO CONTO DE FADAS SHREK**

Monografia apresentada ao Curso de  
Licenciatura Plena em Pedagogia da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito essencial para a obtenção de  
grau de Licenciatura em Pedagogia.

Aprovada em 10/03/2014.

*Rosemary Alves de Melo*

Departamento de Educação  
Profª Msc Rosemary Alves de Melo / UEPB  
Orientadora

*Patricia Cristina de Aragão Araújo*

Departamento de Educação  
Profª Drª. Patricia Cristina de Aragão Araújo / UEPB  
Examinadora

*Maria de Lurdes Cirne Diniz*

Departamento de Educação  
Profª Msc. Maria de Lurdes Cirne Diniz / UEPB  
Examinadora

## **DEDICATÓRIA**

Dedico este trabalho com muito amor e devoção aos meus pais Sebastião Ciriaco e Maria Aparecida, meu amado esposo Felix Emiliano, sem vocês eu não seria nada.

Dedico também, a todos os meus familiares e amigos que sempre estiveram comigo nos momentos de caronas nas BRs da vida, enfim, a todos que contribuíram para a realização desse sonho.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus todo poderoso criador do céu e da terra, pelo dom da vida, por ter protegido meus passos nessa longa caminhada todos os dias desde o nascer da aurora, até o por do sol. Obrigada senhor!

Aos meus pais, pela colaboração e dedicação, mesmo que indiretamente com as dificuldades para permitir minha inserção no mundo acadêmico por conta das dificuldades de acesso a Universidade. Agradeço em especial à minha mãe pelos minutos de orações todas as vezes que eu me locomovia para a Universidade sem transporte, sem dinheiro, mas com sonhos, esperanças e com um objetivo: vencer na vida!

A Félix Emiliano Pessoa, grande homem, paciente, dedicado, companheiro e incentivo para eu continuar mesmo nos momentos de desistência. Obrigada ao meu marido, por tudo!

Enfim, sem esquecer-se dos colaboradores dos bastidores desse espetáculo. São vários desde já peço perdão caso venha esquecer-me de alguém.

Aos meus amigos de luta diária, Kelly Raiane, Maria Aparecida Alves, Maria José (Betânia), Rosângela Fidelis, Eudes (amigos de caronas).

Aos meus amigos e amigas, Silvana Maria, Grace Kelly e Kelvin, que fizeram minha vida mais divertida nesse percurso.

Aos motoristas dos ônibus e de caronas, como Sr. Batista, Sr. Seráfio que contribuíram de forma positiva nos dias que não tínhamos ônibus.

À minha primeira professora que me ensinou o ABC, de modo tradicional aprendi e muito.

A todos os professores do ensino fundamental, médio e Acadêmico que contribuíram nesse processo. Especialmente a elas: à profa. Dra. Patrícia Aragão pela sua humildade e perseverança, fez de mim uma mulher superpoderosa. À profa. Lurdinha Cirne que me fez amar a Educação Infantil. À minha orientadora profa. Rosemary que despertou em mim um sentimento muito bom: a paciência. Obrigada a todas!

Enfim, a William Steig e Adamson por terem me apresentado o príncipe mais amado da telona: Shrek.

[...] nada é tão enriquecedor e satisfatório para a criança, como para o adulto, do que o conto de fadas folclórico. [...] o prazer que experimenta quando nos permitimos ser suscetível a um conto de fadas, o encantamento que sentimos não vem do significado psicológico de um conto (embora isso contribua para tal), mas das suas qualidades literárias- o próprio conto como uma obra de arte.

*Bruno Bettelheim*

## RESUMO

Este trabalho monográfico aborda como a Cultura Infantil, que enquadra a Literatura Infantil e as adaptações Cinematográficas dos Contos de Fadas, tendo como “norte” o Conto de Fadas moderno Shrek, vem contribuindo para a Educação da Criança de forma positiva trazendo a tona dramas existentes no ser humano como o abandono, a solidão, e a superação dos problemas, fazendo com que as crianças se identifiquem com os personagens principais Shrek e Fiona. Para tanto, se faz necessário uma abordagem teórica acerca do que é literatura infantil, cinema e Contos de Fadas e suas articulações com a Educação, tomando como referências: Coelho (2000), Steinberg & Kincheloe (2001), Giroux (2001), Betelheim (1980), Bernardet (1991), o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), entre outros, para assim situar e relacionar com o conto de fadas Shrek, um conto moderno originado de um livro escrito por William Steig, adaptado por Andrew Adamson pelo estudo Dream Word. O conto é considerado uma paródia dos contos de fadas tradicionais, por mostrar os personagens de forma inversa, tal conto traz contribuições significativas para a educação, dentre elas questões relacionadas à identidade de gênero, identificação e formação de identidade mostrando um modelo de homem na sociedade.

**PALAVRAS CHAVES:** Literatura Infantil, Cultura infantil, Educação, Cinema, “Shrek”.



## ABSTRACT

This monograph discusses how the Children's Culture, framing the Children's Literature and Cinematic adaptations of fairy tales, with the "north" the Modern Fairy Tale Shrek, has contributed to the education of the child positively bringing out existing dramas in humans as abandonment, loneliness, and overcoming the problems causing children to identify with the main characters Shrek and Fiona. Coelho (2000), Steinberg & Kincheloe (2001), Giroux (2001), Bettelheim: For this, a theoretical approach is about what children's literature, film and Fairy Tales and their joints with Education, taking as references is required (1980), Bernardet (1991), the National Curriculum for Early Childhood Education (RCNEI), among others, in order to situate and relate to the fairy tale Shrek, a modern tale originated from a book written by William Steig, adapted by Andrew Adamson study by Dream Word. The story is considered a parody of traditional fairy tales, by showing the characters in reverse order, such tale brings significant contributions to education, among them issues related to gender identity, identification and identity formation showing a model of man in society.

**KEYWORDS:** Children's Literature, Children's Education, Culture, Film, "Shrek".

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Shrek versão livro. Fonte: Google imagem.....	15
Figura 2: Shrek versão cinematográfica. Fonte: Google imagem.....	15
Figura 3: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	20
Figura 4: Branca de Neve. Fonte: Google imagem.....	25
Figura 5: Cinderela. Fonte: Google imagem.....	25
Figura 6. Ilustração de Gustave Doré para “Contos da Mamãe Ganso”.....	27
Figura 7: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	31
Figura 8: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	32
Figura 9: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	32
Figura 9: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	33
Figura 10: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	34
Figuras 11 e 12: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	34
Figura 13: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	35
Figura 14: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	35
Figura 15: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	36
Figura 16: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	37
Figura 17: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	37
Figura 18: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	38
Figura 19: Do filme “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	42
Figura 20: Do filme “Shrek”. Fonte: Google imagem.....	44

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	12
2. CAPÍTULO. I: O CONTO DE FADAS, A LITERATURA INFANTIL E O CINEMA ...	14
2.1. Funções da Literatura infantil e infância .....	17
2.2. Infância Contemporânea e cinema .....	19
3. CAPITULO II: O CONTO DE FADAS “SHREK” E A EDUCAÇÃO INFANTIL	
3.1. Origens dos Contos de Fadas .....	27
3.2. O Contos de Fadas “Shrek: a história que inspirou o filme” .....	31
3.3. A adaptação do Conto de Fadas “Shrek” para o Cinema e suas possíveis contribuições para a educação Infantil .....	37
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: “E viveram horríveis para sempre” .....	46
5. REFERÊNCIAS .....	47

## 1. INTRODUÇÃO

Ao apresentar o percurso desse árduo, mas também prazeroso Trabalho de Conclusão de Curso, faz-se necessário salientar como se deu a escolha do referido tema, pois este não ocorreu por acaso, não foi escolhido de forma aleatória. Posso dizer que foi amor à primeira vista, o fato de gostar de contos de fadas desde criança me fez uma admiradora de tal gênero, mas esse prazer que o conto proporcionava ficava apenas na imaginação. No entanto, como educadora em processo de formação, tive a honra de juntar a paixão pelos contos de fadas gerados na infância a este trabalho.

A partir do momento que conheci o Ogro mais amável do Cinema, denominado Shrek, meu prazer por tais gêneros aumentou. Percebi que Shrek não veio apenas “bagunçar” os contos de fadas tradicionais, quebrando o paradigma de príncipe e princesa perfeitos, mas também trazer contribuições significativas para a educação infantil. Ao analisar o moderno conto de fadas na forma do livro, escrito por William Steig, adaptado para o cinema por Andrew Adamson e que até então era pouco conhecido, descobri as múltiplas linguagens existentes em tal conto, pois o mesmo possui um caráter formador de valores, “desnudando” uma sociedade estereotipada, na qual a beleza, “o normal” prevalece, uma sociedade que molda o comportamento das crianças desde cedo.

Assim, para fazer uma análise do conto por completo, faz-se necessário um estudo mais duradouro e aprofundado, portanto, detenho-me a analisá-lo no que se refere à questão da formação da identidade infantil, representado na figura dos personagens principais, Shrek e Fiona, e assim verificar como os padrões sociais estão personificados nestes personagens, e como estes influenciam na educação da criança.

Em “Shrek”, o padrão social típico do homem é representado na figura de um ogro com comportamentos grosseiros, com maus hábitos, debochado. Por outro lado, Fiona apresenta um padrão atípico de mulher: não é submissa, indefesa, meiga, delicada como as princesas dos contos de fadas tradicionais, mostrando assim, uma possibilidade de igualdade entre os gêneros.

Portanto, analisar a questão de padrões identitários no conto de fadas Shrek é imprescindível, tecer um caminho entre Literatura Infantil, conto de fadas e cinema, sendo o mesmo considerado tanto um gênero literário, pois é oriundo de uma obra literária de Steig, como um gênero de adaptação cinematográfica, na sua forma de filme.

Assim este trabalho será dividido em três capítulos, sendo o primeiro: literatura infantil, cinema, educação e contos de fadas Shrek, trazendo uma abordagem histórica da literatura e do cinema, desde a origem à relação das duas linguagens artísticas, e, como estas, quando se cruzam contribuem para o processo de ensino-aprendizagem.

Segundo capítulo: Contos de Fadas, Educação e Shrek, traz uma abordagem histórica e conceitual dos contos de fadas desde os primeiros escritores, tais como, Charles Perrault, até o moderno William Steig. E assim, a importância desses contos para a educação infantil.

Terceiro e último capítulo, Shrek e as questões de identificação de padrões sociais, através da análise do conto, mostrando as contribuições deste para a educação das crianças, desmistificando alguns conceitos, como de feminino e masculino, na figura dos personagens principais Shrek e Fiona.

## 2. CAPÍTULO. I: LITERATURA INFANTIL, CINEMA CONTO DE FADAS SHREK E EDUCAÇÃO.

A literatura infantil “(...) é antes de tudo, literatura, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra”. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, as ideias e sua possível/impossível realização.” (COELHO 2000, p.27).

A literatura como arte se relaciona com outras manifestações artísticas, assim se relaciona com o cinema por possuir tais características, uma vez que, o cinema se manifesta como arte visual por possuir a mesma função da literatura, emocionar o público destinado, o Cinema como sendo a arte de compor e realizar filmes, a arte da imagem em movimento, que encanta e dá vida aos personagens.

As artes não se repelem, mas se completam; literatura e cinema podem aproximar na fruição, no estudo e na pesquisa, principalmente, quando se trata de despertar ou aproximar a sensibilidade estética e as dimensões da leitura (PALMA, 2004, p.7).

A arte que tem o fascínio de equacionar os dois termos, literatura infantil e cinema, nessa perspectiva, ambas as linguagens se inter cruzam, literatura por que faz parte da arte da palavra e o cinema por fazer parte da arte da imagem, do visual. Ambas as linguagens artísticas por si só tem o poder de fascinar o público leitor/telespectador, no momento que se inter cruzam, torna-se extremamente ricas para a formação da criança. Tais linguagens quando equacionadas tornam-se um fio condutor para à educação, facilitando assim, o processo ensino-aprendizagem.

Tendo em vista a relação existente entre Cinema e Literatura Freire e Zanelli (2009), citando Walty e Cury (2006) consideram que tais artes não se distanciam nem seguem em campos opostos, uma vez que “colocar imagem e escrita em campos opostos é excludente e, no mínimo ingenuidade, já que mesmo a nossa revelia, tais códigos se encontram em constante interação”. (FREIRE; ZANELLI apud WALTY; CURY, 2006, p.90).

O cinema se apropria da Literatura porque é nela que se encontram as narrativas e dramas humanos de toas as épocas, mas vale salientar que o cinema não obedece fielmente aquilo que estar escrito nos livros que o leitor ler, uma vez que na adaptação que é feita para o filme, qualquer obra pode ser vista em apenas 2 horas. Assim, não podemos afirmar que o cinema “copia” as histórias presente na literatura e as adapta literalmente, mas o contrario o

cinema cria novos diálogos que facilita a compreensão do leitor/telespectador ao ver uma obra literária nas telas do cinema imagina cenas existentes nos livros. O mesmo acontece quando se ler um livro que foi adaptado para o cinema, assim “a adaptação deve dialogar não só com o texto original, mas também com seu contexto, [inclusive] atualizando o livro, mesmo quando o objetivo é a identificação com os valores neles expressos” (XAVIER apud CURADO ,2007, p.62).

Quando a obra literária é adaptada para o cinema, o leitor poderá enxergar coisas que ele não consegue ver no livro. Isso acontece no filme Shrek 1 e 2, mesmo sendo inspirado no livro de William Steig, é possível perceber muito além do livro. O cineasta Andrew Adamson quando adaptou Shrek modificou todos os personagens, tornando-os mais agradáveis e divertidos, acrescentando na linguagem fílmica vários personagens, inclusive os dos contos de fadas tradicionais como: Cinderela, Branca de Neve, A Bela Adormecida, O Gato de Botas, entre outros, e eliminando outros contidos no livro, como os pais do Shrek. Com isso, A película tornou-se um dos melhores filmes de animação a ganhar o Oscar, agradando não só o público infantil, mas todos os públicos. Contudo, o conto não perdeu sua moral, assim como o livro que é “os feios também tem um final feliz”, dando a impressão que não existem diferenças para a felicidade.

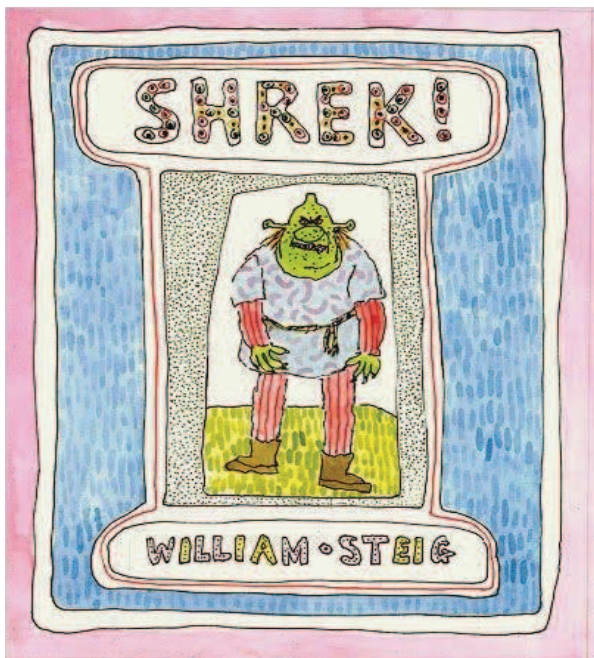


Figura 1: Shrek versão livro. Fonte: Google imagem



Figura 2: Shrek versão cinematográfica. Fonte: Google imagem

A literatura infantil propriamente dita surgiu no final do século XIX, com o caráter não apenas moralista, mais também recreativo, com o sentido de despertar o interesse da criança. Nesse período essa literatura ganhou auge e repercussão, começou a surgir às histórias

infantis com sentido imaginativo e pedagógico. Surgiram vários autores que se dedicaram a escrever para esse público. Na atualidade o cinema infantil tem ganhado grande repercussão, a partir do momento que a criança deixou de ser vista como um “adulto em miniatura”, muitos olhares se voltaram para ela, e assim como a literatura infantil passou a valorizá-la como um ser peculiar, o cinema passou a criar filmes destinados especialmente para elas.

A literatura infantil também teve influências da moral dogmática da igreja, na qual os indivíduos eram submetidos à obediência e autoridades. O homem valorizava a razão, o poder absoluto e reverenciava o passado. Todas essas características eram nitidamente influenciadas na forma de escrever literatura. Características estas, visíveis nos heróis e heroínas das histórias infantis tradicionais. Segundo Coelho (2000), os heróis eram sempre corajosos, aventureiros, valentes. Modelos que até hoje são vistos nos personagens das histórias infantis atuais. As mocinhas sempre belas, meigas e delicadas, obedientes às figuras masculinas. Porém, é notório que, no conto Shrek essa moral é desconstruída, a mocinha na figura de Fiona desconstrói o sentido de beleza e delicadeza das personagens, demonstrando em vários momentos coragem, autodefesa, e desobediência à figura masculina.

Os primeiros contos infantis adaptados para o cinema surgiram no início do Sec. XX pelo estúdio Disney em Holywood, porém a História do Cinema é muito mais antiga. Segundo Bernardet (1991), a História do Cinema deu-se pela exibição pública que ocorreu em 28 de Dezembro de 1895, em Paris no Gran Café. O cinema nasceu a partir da curiosidade de um mágico chamado George Méliès, em adquirir um aparelho com o cinematógrafo Lumiere, mas o mesmo o desencorajou. No entanto, Lumiere não imaginava que o cinematógrafo faria tanto sucesso. O primeiro filme exibido era de curta metragem em preto e branco, sem som. A imagem na tela era de uma locomotiva chegando à estação, dando ao público a impressão da realidade, ocasionando um grande susto e emoção à plateia, mas como não havia ruído, nem cor, dava-se a certeza que não era real.

A partir do século XIX com a revolução industrial, o cinema teve grande repercussão. Com a dominação da burguesia em uma imensa parte do mundo, o cinema por sua vez, não poderia ficar de fora. A burguesia no auge desenvolveu várias máquinas e técnicas de dominação, entre elas a arte cinematográfica. A arte que segundo Bernardet:

Não era uma arte qualquer reproduzia a vida tal qual como ela é pelo menos essa era a ilusão não deixava por menos. Uma arte que se apoiava na máquina uma das musas da burguesia. Juntava-se a técnica e a arte para realizar o sonho de reproduzir a realidade. (BERNARDET, 1991. pg.14)



Foi a partir desse momento histórico que nasceu a sétima arte, ou seja, o cinema, com grande impulso e repercussão, conquistando o mundo e a sociedade capitalista de massa.

## 2.1 Funções da Literatura infantil e infância

Caldin (2003) defende que é importante afirmar a função social da literatura infantil, contudo, do cinema na infância, pois é nessa fase que se inicia os primeiros hábitos de leitura que pode ser tanto escrita como visual. Nesse sentido, para a autora, a função da literatura na sociedade contemporânea é:

Facilitar ao homem compreender e, assim emancipar-se dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionado pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo (CALDIN, 2003. p.51).

De fato é através da leitura que o homem se torna crítico, reflexivo e questionador do mundo em que está inserido, e a literatura infantil é o melhor caminho para a inclusão desse homem na sociedade, pois é desde a infância que a criança vai adquirindo hábitos de leitura, por isso a importância de uma boa literatura infantil, seja ela clássica ou contemporânea. Segundo a autora, a literatura infantil contemporânea ao oferecer uma nova concepção de texto, abre também múltiplas leituras, passa a ser então um suporte de experimentação do mundo, as novas histórias abrem espaço para que a criança questione o mundo e reflita sobre a realidade desse mundo, sendo assim, uma criança crítica e reflexiva.

O filme Shrek apresenta a sociedade atual de um modo diferente daquela em que foram criados os primeiros contos de fadas tradicionais, trazendo uma visão de homem moderno, “descolado” na figura do seu personagem principal. Shrek desconstrói uma perspectiva de beleza, coragem, herói, heroína, feminino e masculino, presente nos contos de fadas tradicionais, levando a criança a refletir sobre a sociedade na qual ela está inserida. Nesse sentido, o filme apresenta-se como ferramenta essencial para educação, unindo Cinema, Literatura e Educação de forma intrínseca.

Consideramos, também, que a função social da literatura infantil clássica não impede o raciocínio lógico da criança, ao contrário, desperta a sua sensibilidade artística e equilibra o sonho com a realidade. “Estimula a criança a identificar que o que está lendo não é verdade, mas ela finge acreditar, isso é a magia do imaginário, tão necessário ao desenvolvimento da criança” (CALDIN, 2003, p.51). A impressão da realidade contida no cinema flui através da

literatura, a qual perfaz viagens por mundos, realidades muitas vezes esquecidas na memória, realizando desejos e sonhos impossíveis. Através da leitura de um bom livro infantil, a criança, muitas vezes, esquece o mundo real e adentra no mundo da fantasia, da imaginação.

Ao situar a literatura infantil e suas produções culturais e historicidade, dentro dela o cinema como Cultura infantil, e mais especificamente a transposição do conto de fadas Shrek do escritor William Steig, para o cinema, pelas mãos do cineasta Adamson, é preciso rever o conceito de infância uma vez que, ambas as linguagens, literárias e filmicas, são destinadas ao público infantil.

Para Steinberg e Kincheloe (2001) a infância é considerada um “artefato social e histórico, e não uma simples entidade biológica” (STEINBEG & KINCHELOE 2001, p. 11). A infância no sentido biológico é uma fase natural do crescimento humano, do torna-se adulto. Porém segundo os autores essa fase é moldada por fatores externos, como forças sociais, culturais, políticas e econômicas que atuam sobre ela. “Assim a infância é uma criação da sociedade sujeita a mudar sempre que surgem transformações sociais mais amplas” (STEINBEG & KINCHELOE 2001, p.12). Essas transformações nas quais cita os autores se dar de varias maneiras, seja através da leitura, seja através da mídia, ou seja, a pedagogia cultural que influencia a criança de diversas formas seja negativa, ou positiva.

A criança na Idade Media era vista de forma banal como um ser diferente do adulto. Muitos estudiosos afirmam que se começou a pensar na criança como um ser diferenciado do adulto em meados do século XVII, a partir daí foi que surgiram os primeiros livros infantis destinados à criança, que antes era vista como “um adulto em miniatura”, vestia-se como adulto, frequentava os mesmos lugares e tinham a mesma educação. Estudiosos da infância afirmam que a criança era submetida a autoridades dos adultos, e esse domínio que o adulto tinha sobre a criança era vista como “natural”, até mesmo pelos psicólogos da aprendizagem, os quais afirmavam que a crianças não possuíam um pensamento lógico formado, e que não possuíam o domínio do código verbal. A partir desse pensamento, a literatura infantil era, então, destinada apenas para o estímulo à leitura e tinha a função didático-pedagógica.

Mesmo que ainda não houvesse um conceito de infância nítido, alguns autores daquela época já pensavam em escrever uma literatura, voltados à educação dos pequenos e enxergar a criança com outros olhos. É o caso do Frances Perrault, e posteriormente, a Condessa de Segúr, os irmãos Grimm, Andersen, todos preocupados em transmitir valores morais. Seus contos eram repletos de valores morais presentes na sociedade burguesa da época, período

este, em que houve mudanças e reorganização da educação. Os livros infantis destinados às crianças eram minimizados e adaptados, veiculados à educação dos pequenos.

## **2.2. A Infância Contemporânea e o Cinema**

O conceito de infância vem sofrendo modificações ao longo da história. A infância contemporânea está entrando em estado de decadência. A família tradicional já não existe mais, a criança deixou de ser vista como um “adulto em miniatura” foram retiradas das fábricas e inseridas na escola, fator positivo que deve ser levado em consideração. No entanto, a criança contemporânea está tendo as mesmas informações do mundo dos adultos assim houve segundo Steinberg & Kincheloe “uma mudança na realidade econômica, associada ao acesso das crianças a informações sobre o mundo adulto, transformou drasticamente a infância”. (STEINBERG & KINCHELOE, 2001, p.13)

As crianças hoje em dia estão crescendo muito rápido. As informações que antes a criança não tinha acesso estão em auge. Informações estas transmitidas pela mídia. As chamadas “culturas populares” como defende Steinberg & Kincheloe (2001) fornece imagem assustadoras da infância através dos mais diversos meios de comunicação dentre eles o Cinema que se não for utilizado de forma criteriosa e educativa pode também ser uma arma perigosa de dominação. Filmes que mostram crianças independentes, más, destruidoras, trazem imagem assustadora da infância contemporânea.

Steinberg & Kincheloe (2001) exemplifica o “filme Halloween” para mostrar a história da infância pós-moderna: o medo no isolamento. “o isolamento aqui mencionados envolve separação tanto no sentido de ausência dos pais quanto de inexistência do espírito comunitário” (STEINBERG & KINCHELOE, 2001, p.14). Assim “a crise da infância contemporânea pode significar, de várias formas, tudo o que envolva, de algum modo, o horror de enfrentar sozinho o perigo” (STEINBERG & KINCHELOE, 2001, p.14).

O medo do isolamento, ou o medo de enfrentar o perigo sozinho, se assemelha ao conto de Steig (2001) quando Shrek é expulso de casa pelos pais, tendo que sair pelo mundo sozinho enfrentando o perigo. No entanto, Shrek não teme o perigo e sai pelo mundo sozinho feliz. A ideia de coragem transmite para criança uma positividade, assim como o Shrek ela deve enfrentar o abandono e o isolamento sem medo, e no final sairá vitoriosa.



Figura 3: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

Loureiro (2008) apresenta possíveis articulações entre Cinema e Educação, uma, vez que, a Educação não se dar apenas nas instituições formais como escolas, igrejas, etc., mas dar-se em todos os lugares que transmitem informações como o cinema. Loureiro (2008).

“Ao considerar a educação uma prática social ampla que dilui em vários momentos da vida social e, portanto, não se restringe as instituições formais de ensino, é possível situar a produção filmica não apenas como manifestação do tornar-se humano, mas também como elemento fomentador desse processo” (LOUREIRO, 2008, p.126).

Nessa perspectiva o cinema tem influenciado todas as esferas, seja na forma de pensar, vestir, de se comportar diante da sociedade, a Educação não poderia ficar de fora da influência do cinema, sobretudo, da produção filmica Hollywoodiana de compor filmes. Os filmes de Hollywood estão cada vez mais focados na Educação de crianças e adolescentes.

A articulação entre cinema e educação dar-se de diversas maneiras, para (FANTIN, 2007, p.01) “a educação poderá abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação, meio de expressão de pensamento e sentimentos”. Nesse caso, os filmes representam uma nova forma de contar histórias através de imagens, seja de forma real ou imaginária. Nesse caso, para a autora, “a atividade de contar historia com imagens, sons, movimentos, pode atuar no âmbito da consciência do sujeito e no âmbito sociopolítico, cultural, configurando-se num formidável instrumento de intervenção, de pesquisa, de comunicação e de fruição” (FANTIN. 2007, p. 01).

Duarte (2002) argumenta que “o cinema não se restringe apenas aos limites dos espetáculos da diversão”, ou seja, ao entretenimento, mas atinge todas as esferas da vida do ser humano. Segundo ela, é necessário reconhecer a importância social do cinema, pois o

filme como sendo sua principal criação é considerado um objeto de estudo de grande relevância, assim argumenta a autora.

(...) mas a riqueza e a polissemia da linguagem cinematográfica conquista cada vez mais pesquisadores que, reconhecendo os filmes como fonte de investigação de problemas de grande interesse para os meios educacionais, passou a considerar o cinema como campo de estudos. (DUARTE, 2002, p. 97).

Vale salientar que o cinema vai muito além do filme, portanto, é necessário um estudo mais científico do cinema por ser considerado um “fato social total”. Já o filme pode ser considerado como um “objeto bem mais delimitado do que o cinema”. Por um lado o filme leva em consideração fatores externos existentes na sociedade, por outro o cinema leva em consideração tanto fatores externos como internos, tais como as relações subjetivas do homem, como ele produz o filme. Assim, como ratifica Duarte (2002, p.99), “um filme é sempre um produto cultural, ou seja, é uma produção que combina elementos da(s) cultura(s) aos sistemas utilizados na construção de imagens”.

Assim, para analisar um filme é preciso levar em consideração o contexto social, no qual esse filme foi produzido, como diz Duarte (2002), para analisar a forma como o cinema representa a infância, não basta ter conhecimento da técnica cinematográfica, é preciso ter em mente quais são as representações de infância que estão presentes na sociedade e culturas em que os filmes que abordam esse tema têm repercussão. No entanto, o filme Shrek não traz uma representação de infância, ou de criança, mas é um filme criado especialmente para esse público, mostrando modos de significação deferentes. As crianças que o assistem estranham um pouco os modos como o personagem principal se comporta, porém, muitas dessas crianças se identificam com o Shrek, pois ninguém é tão “bonzinho”, nem tão perfeito como mostra os heróis e heroínas dos contos de fadas tradicionais, daí parte o caráter educativo dos filmes, em geral e especial o filme Shrek, ao mesmo tempo em que diverte, ensina valores e hábitos, mostrando assim, o lado imperfeito dos seres humanos.

Tendo em vista que a Cultura infantil abrange toda a produção corporativa da expressão “pedagogia cultural” que segundo Steinberg e Kincheloe(2001,p.14) enquadra a educação numa variedade de áreas sociais incluindo mas não se limitando a escolar. “Áreas pedagógicas são aqueles lugares onde o poder é organizado e difundido, incluindo-se bibliotecas, TV, cinemas, jornais, revistas, brinquedos, propagandas, videogames, livros etc.”. Tais áreas causam efeitos na formação de identidade da criança, pois os interesses que estão em jogo não são para o bem social, mas sim comerciais.

Nessa perspectiva o filme Shrek não foge dos padrões de consumo de interesse do capitalismo e da sociedade de massa, tendo em vista que o primeiro filme foi o ganhador do Oscar em 2001 como sendo o maior filme de animação infantil que conquistou todos os públicos, daí em diante o filme teve varias versões como Shrek 1, 2, 3 e 4. Porém, quando Adamson adapta Shrek tece uma critica ao espaço social capitalista, quando em Shrek 2 no Reino Tão Tão distante, lugar onde mora os sogros do Shrek mostra as mansões onde moram a Bela Adormecida, Cinderela, Rapunzel, além da mansão dos pais de Fiona, contrastando com o pântano onde vive o Shrek. Dessa maneira, o filme também mostra as desigualdades sociais da sociedade capitalista.

Todavia o que é levado em consideração não são as criticas estabelecidas nos filmes infantis, mas, as contribuições pedagógicas e os efeitos que causam na educação da criança. Tais efeitos podem ser visto em varias perspectiva, como a identificação que elas têm dos personagens típicos dos contos de fadas tradicionais, por senti-se neles a personificação dos problemas, assim a criança se identifica com o Shrek por ele mostrar sentimentos existentes no ser humano, como o abandono, a solidão, a exclusão social, tristeza, alegria, amor, amizade, entre outros.

Os filmes de animação são mais do que entretenimento, pois possui um caráter educativo. Para Giroux (2001, p.89) “os desenhos animados desempenham papeis como as novas ‘maquinas de ensino’, como produtores de cultura”. Os mesmos papeis que os estabelecimentos de ensino reproduzem como legitimadores de culturas. Tais desenhos não são tão ingênuos como aparenta, o mundo de Hollywood como defende Giroux (2001, p.89) “constroem um mundo inocente de infância de sonhos onde as crianças progressivamente encontram um lugar para situar nas suas vidas emocionais”.

A produção fílmica está cada vez mais pautada em temáticas relacionadas à educação, como a infância, escola, relação professor/aluno, temas diversos como violência, sexualidade, tem sidos representados em determinadas épocas e sociedades. Com efeito, segundo Duarte;

Os filmes são uma fonte muito rica de pesquisa sobre temas e problemas que interessam aos pesquisadores da área da educação. Ao analisar comparativa de diferentes cinematografias pode fornecer um vasto material para estudo e reflexão acerca de estratégias de escolarização e de transmissão de saberes adotado por diferentes culturas em diferentes sociedades. (DUARTE, 2002, pg.105).

Analisar filmes, portanto, auxiliam professores e alunos, sobretudo a compreender determinada sociedade, como povos de outras culturas se educam no mundo e formam novas gerações. Ver filmes e interpretá-los abre novos caminhos e nova possibilidade para o aluno

construir seu conhecimento de forma crítica e reflexiva. Assim a criança quando assiste a um filme com a mediação do professor aprende de forma mais eficaz do que uma simples leitura, pois as crianças se educam não apenas na leitura de palavras, mas também na leitura de imagem. O cinema como sendo essa imagem em movimento propicia a ela uma formação integral.

Nesse cenário onde cinema, literatura e educação se inter cruzam, as adaptações cinematográficas da literatura infantil surgem como intermédio entre ambas as linguagens. Nessa perspectiva, analisar o conto de fadas Shrek, no filme I, ratifica o que Loureiro citando Almeida afirma:

Ver filmes analisá-los, é entender a nossa sociedade massificada, praticamente analfabeta e que não tem uma memória da escrita uma sociedade que se educa por imagem e sons, principalmente da televisão, quase uma população inteira [...] que não tem contato com a escrita, a reflexão com a escrita. E também a vontade de entender o mundo pela produção artística do cinema. (LOUREIRO 2008, apud ALMEIDA, 1994, p.12).

O conto de fadas Shrek convida o leitor/telespectador a conhecer essa sociedade moderna massificada de uma forma divertida e ao mesmo tempo realista, bem como a relação do homem com a sociedade e sua subjetividade, mostrando assim um leque de possibilidades entre Cinema, Literatura e Educação.

Nessa perspectiva o filme é mais do que “simplesmente contar de modo linear a história humana e singela que o filme nos aparenta nos interessa aqui sensibilizar o leitor a perceber que diálogos e imagens se fundem numa narrativa peculiar” (GARCIA, 1997, p.16). Desse modo, a análise do filme Shrek abrangerá não apenas a sociedade massificada, mas todas as linguagens e diálogos presentes nesse cenário, mostrando as múltiplas facetas existentes no ser humano. Para tanto, é necessário que o educador como intermediador desse processo de construção do conhecimento da criança acerca do cinema e da literatura precisa ter um olhar crítico ao selecionar tais linguagens, uma vez que, a sociedade tecnológica está repleta de estórias infantis “ocas” sem nenhum significado. E que os filmes infantis estão repletos de ideologias de poder transmitido por uma sociedade de consumo totalmente preconceituosa e discriminatória.

Por outro lado os filmes de animação modernos desconstrói uma visão romantizada da mulher, personagem principal dos contos de fadas tradicionais, aquela mulher indefesa, delicada, submissa ao homem, como um ser passivo. Tais contos estão nas telonas dos cinemas como Deu a louca na Branca de Neve, Mulan, Para Sempre Cinderela, Shrek entre

outros, trazem uma contraposição desse feminino representado nos contos de fadas tradicionais como “A Bela Adormecida”, “Cinderela” de Perrault, e “Branca de Neve” dos Irmãos Grimm, entre outros. Segundo Steinberg e Kincheloe (2001, p.46) “(...) trabalhar com esses filmes e outras manifestações da cultura infantil é uma forma de ‘masculinidade hegemônica’”. Com efeito,

Uma estrutura patriarcal obviamente firma serias implicações para a mulher, mas também deturpa o desenvolvimento masculino. Meninos são encorajados de varias formas, no currículo da cultura infantil, a assumir papéis patriarcais que lhes são legados por direito de nascença, para definir a realidade e aproveitar completamente as recompensas do privilegio da sua dominação sobre seus subordinados. Deste modo, muitas vezes, infelizmente, uma identidade é formada negando completamente ao jovem garoto suas conexões com outras pessoas (STEINBERG & KINCHELOE, 2001, p.46).

A questão do gênero nos contos de fadas tradicionais atinge não apenas a imagem da mulher inferior e subordinada ao homem, mas atinge também a esse homem que reprime muitas vezes suas expressões emocionais, pois o homem não chora e a mulher não briga. Assim esse homem cresce com uma disfunção emocional, tendo dificuldade de expressar emoções como amor por uma mulher por exemplo. Giroux (2001) ao analisar os filmes de animação da Disney como “A Pequena Sereia” e “O Rei Leão” argumenta que.

Os personagens femininos foram elaborados dentro de papéis de gênero estreitamente definidos. Todas as mulheres nesses filmes são definitivamente subordinadas aos homens e definem seu senso de poder e desejo quase que exclusivamente em termos de narrativas de macho dominante. (GIROUX, 2001, pg.96).

Além disso, muitos filmes da Disney como A Bela Adormecida, Branca de Neve, Cinderela entre outros, se relacionados à educação, percebe-se que eles ditam regras de comportamento, que a mulher tem que ser passiva a espera que o homem venha salvá-la. O homem ao contrário é um ser ativo, valente que luta contra o dragão, escala torres para salvar a princesa que está a sua espera.

Vale salientar que tais regras eram ditadas na época, na qual foram criados os contos de fadas tradicionais, mas que a Disney reforçou e adaptou para o cinema com os mesmos valores morais. Estes filmes, por sua vez, se encontram presentes no cotidiano das crianças, moldando comportamentos e ditando regras. Nesse sentido as crianças são levadas a se identificarem com o que é ser feminino e masculino para melhor desempenharem os papéis correspondentes, hoje estes papéis se inverteram e se igualaram, mesmo que ainda existam falhas, porém muitos



contos de fadas modernos mostram um modelo de homem e mulher igual, sem restrições de papéis.



Figura 4: Branca de Neve. Fonte: Google imagem.



Figura 5: Cinderela. Fonte: Google imagem

Nestas imagens, Branca de Neve e Cinderela trazem uma representação da Disney, de como a mulher era representada naquela época, na qual foram escritos os primeiros contos de fadas. Mulheres meigas, delicadas, fazendo seus serviços de casa. Essa representação do feminino repercute na criança de forma negativa, fazendo com que, muitas vezes, elas cresçam negando suas identidades. Ao ter contato com esses filmes, a criança reproduz estereótipos estabelecidos de como deveria ser um modelo de mulher na sociedade.

Nesse sentido cabe ao educador proporcionar situações que desconstrua os papéis estabelecidos durante muito tempo entre o homem e a mulher, nesse sentido o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) orienta que a.

À identidade de gênero, a atitude básica é transmitir, por meio de ações e encaminhamentos, valores de igualdade e respeito entre as pessoas de sexos diferentes e permitir que a criança brinque com as possibilidades relacionadas tanto ao papel de homem como ao da mulher. Isso exige uma atenção constante por parte do professor, para que não sejam reproduzidos, nas relações com as crianças, padrões estereotipados quanto aos papéis do homem e da mulher, como, por exemplo, que à mulher cabe cuidar da casa e dos filhos e que ao homem cabe o sustento da família e a tomada de decisões, ou que homem não chora e que mulher não briga (RCNEI, VOL.II, Pg. 42,1998).

O RCNEI argumenta que o educador precisa criar situações de igualdade entre gênero para as crianças, para que elas cresçam e compreendam os papéis de cada um, tanto do homem, quanto da mulher, pois ambos têm os mesmos direitos e como tal não devem ser considerados de forma isolada, mostrando apenas o lado estereotipado da mulher dona de casa, frágil, delicada, que nasceu para cuidar da casa e dos filhos, enquanto que o homem tem que trabalhar para sustentar a família.

A criança é educada de acordo com o contexto social, no qual ela está inserida, se no seu ambiente estiverem expostas situações de comportamento de que menino só pode brincar com carrinhos e bolas e menina só brinca com bonecas e de casinha, certamente elas irão crescer reproduzindo tais comportamentos. No entanto, a partir do momento em que no ambiente é exposto questões de igualdade, elas certamente crescerão reproduzindo e respeitando o outro como igual, sem discriminação. Assim defende o RCNEI:

    Todavia, mesmo quando o ambiente é flexível quanto às possibilidades de exploração. Dos papéis sociais, os estereótipos podem surgir entre as próprias crianças, fruto do meio que vivem, ou reflexo da fase em que a divisão entre meninos e meninas torna-se uma forma de se apropriar da identidade sexual. A observação e sensibilidade do professor são ingredientes fundamentais para identificar as diferentes situações e ter clareza quanto aos encaminhamentos que serão dados. (RCNEI, VOL.II, p. 42,1998).

Os contos de fadas tradicionais tornam-se um ambiente provedor, no qual todas as princesas foram criadas em um mesmo padrão, sempre delicadas, belas, indefesas, esperando que o príncipe venha salvá-la, uma forma de ideologia e dominação que perpassou a história e que ainda está presente nos dias atuais, mesmo a mulher tendo conquistado seu espaço social.

### 3. CAPITULO II: CONTOS DE FADAS SHREK CINEMA E EDUCAÇÃO



Figura 6. Ilustração de Gustave Doré para “Contos da Mamãe Ganso”.

Os contos de fadas são tão antigos quantos a própria existência do homem, o ato de contar histórias orais é passado de geração em geração. Esses contos eram transmitidos com frequência pelas mulheres, como é visto na imagem e pelos mais velhos nos salões de festas franceses, nessa época havia grandes repercussões, esses contos eram destinados não apenas as crianças, mas também aos adultos que não sabiam ler, sendo que a literatura escrita era de difícil aquisição. Os primeiros contos escritos surgiram na França em meados do século XVII, pelo Frances Charles Perrault (1651-1715), que escrevia seus textos baseados no cotidiano dos camponeses, transformando-os em gênero literário. Nessa época, já é notada a relação existente entre literatura e educação na fala de Perrault, quando diz que, “os contos de fadas fazem parte da boa literatura e são feitos para, ao mesmo tempo (é a receita mágica), instruir e distrair as crianças, bem como os adultos”. Segundo Cordeiro (2004, apud PERRAULT, 1697, p.31), para ele as crianças são consideradas “leitores de bom gosto”, e a palavra “instruir” remete treinar, assim como, educar crianças através dos valores transmitidos por esses contos.

Os contos de fadas transmitem princípios valorativos, uma vez que, a conduta humana tem se pautado por esses valores. O que muda é como esses princípios estão sendo rotulados

de “bom” ou “mau”, “certo” ou “errado”. Esse valor que os contos de fadas transmitem a criança é de certa forma de grande importância, uma vez que, a sociedade atual está cada dia mais pautada no imediatismo e no consumismo, esquecendo-se, assim, dos valores humanos. Os pais estão enchendo cada dia mais seus filhos de coisas supérfluas. Os contos de fadas têm, portanto, o poder de preencher vazios, pois possuem perenidade capaz de ultrapassar as barreiras do tempo, permanecer vivos na imaginação das crianças, e encantarem todos os públicos, predicados estes presentes em todas as manifestações artísticas, sejam elas literárias ou cinematográficas, ambas se articulando com as mesmas funções.

Esse gênero da literatura infantil caracterizado por possuir a função de transmitir valores, tanto educativos quanto emocionais, representa para a psicanálise um agente formador, que serve como meio de catarse, e resolução dos conflitos e problemas que estão presentes no consciente e inconsciente da criança. Segundo Coelho (2000), a psicanálise defende:

Que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido a sua bondade ou beleza, mas por sentir nele a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e de beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção, identificada com heróis e as heroínas do mundo do maravilhoso a criança é levada, inconscientemente, a resolver sua própria situação - superando o medo que a inibe e ajudando-a a enfrentar os perigos e as ameaças que sente a sua volta e assim, gradativamente, poder alcançar o equilíbrio adulto. (COELHO, 2000, p.55).

Nesse caso, os contos de fadas passam a ser um terreno fértil para a imaginação das crianças, através destes, elas conseguem colocar-se no lugar do outro, entendendo-o e identificando-se com ele. As crianças se afeiçoam com Shrek justamente por que ele apresenta por traz de suas aparências, um sentido de bondade, coragem, perseverança, humildade, honestidade, além de conflitos existenciais que estão presentes em todos os seres humanos.

### **3.1. Origens dos Contos de Fadas**

O Conto de Fadas constituem-se como um gênero da literatura infantil, podendo ser uma variação do conto popular ou uma fábula. Segundo Fernandes (2003), fadas é uma palavra de origem latina, fata entidade fantástica, a quem se atribui poder sobrenatural e influencia no destino dos homens. Sosa (1987) considera que,

A palavra fada tem também origem grega, indica o que brilha e dessa raiz derivam as demais desinências que contem certa ideia de brilho. Assim

fabula, falar, fatalidade, fado e fada, derivadas ambas do latim fatum, que provem da mesma raiz grega, essa raiz parece explicar-nos que quem narra tais contos procura fazer brilhar suas ideias, os expõe nas fábulas, o destino do homem, o fatum, é o brilho que lhe realce e o determina. (JESUALDO, 1987, p.116).

Segundo Sosa (1987), a fada personagem que deriva esses contos,

É uma forma de representação do destino do homem e brota da concepção mais doce e mais trágica, mais interna e mais universal da vida do homem. Mais íntima porque é a expressão do quase incognoscível do ser humano, misterioso e, por isso mesmo, mais universal, porque se faz comum a toda espécie temerosa do mundo, mais doce e mais trágica, porque, por ser de uma ternura infantil, é perfeitamente realista, já que só a mente é capaz de criar o sobrenatural e dar-lhe um destino; trágica, sim porque nos mostra o terrível influxo que o medo teve sobre a vida do homem que concebeu estes primeiros protetores e o primeiro gênero do mal (SOSA, 1987, pg. 118).

Os contos de fadas estão ligados ao sobrenatural, ao irreal, características principais desses contos, que, contudo, fazem parte da essência do ser humano. Em Shrek 1, o personagem principal se apresenta de início como uma figura horrenda, um ogro, que vivia num pântano isolado da sociedade a qual ele estava inserido. Ao longo da história do filme é visto que Shrek não passa de um ser solitário, bondoso, corajoso. Assim, pode-se perceber a essência humana, cuja primeira impressão é a que prevalece. O ser humano é complexo, múltiplo, portanto não é igual, nisso os contos de fadas e em especial o conto Shrek auxilia na compreensão do ser humano tal qual como ele é. Partindo dessa ideia Cordeiro (2004) defende que:

O CONTO DE FADAS está ligado à noção do maravilhoso, que designa tudo o que é explicável pela razão, lógica, leis naturais, e esta ligada ao sobrenatural. É uma narrativa em que intervêm seres sobrenaturais e acontecimentos inexplicáveis, sem que nem as personagens nem os leitores se surpreendam com isso. As fadas transformam sapos em príncipes magníficos ou adormecem com um toque de varinha todo um castelo. Os animais falam, os objetos mágicos fazem coisas maravilhosas: as botas de sete léguas percorrem num instante distâncias extraordinárias, os espelhos revelam a verdade ou fazem surgir seres desaparecidos ou que estejam longe. (CORDEIRO, 2004, pg.28 – grifo do autor).

Além disso, os personagens dessas histórias são sempre caracterizados por personagens representados por príncipes (heróis) e princesas (heroínas), sempre em busca de um único objetivo, vencer e triunfar contra o mal. Inicia-se com “Era uma vez”, e termina com “Foram felizes para sempre”, caracterizado com a intervenção da fada madrinha que sempre ajuda o herói ou a heroína, e animais falantes, por isso é denominado de contos de

fadas, diferencia-se do conto maravilhoso por possuir essas características. Apesar da semelhança o conto maravilhoso não tem a intervenção da fada madrinha. Em Shrek prevalecem todos estes personagens, mas com características diferentes, no qual o príncipe se apresenta como um ogro totalmente descolado, separado das coisas materiais, a princesa vivia em um castelo, mas tinha autodefesa, diferente das princesas meigas e indefesas, no início, linda pela manhã e ogra a noite, com o beijo do príncipe torna-se mais feia ainda. O cavalo alazão no qual o príncipe monta e vivem grandes aventuras se apresenta como um burro tagarela, a fada madrinha é má. Enfim, são notórias as contradições existentes entre os contos de fadas tradicionais e o moderno Shrek. Portanto, estes são considerados de grande relevância para entender a mente humana.

Para o psicanalista e terapeuta de crianças, Bruno Bettelheim (1980), os contos de fadas têm grandes significados para entender os problemas existentes na mente das crianças, pois por meio dos contos a criança é capaz de identificar-se com os personagens da trama, sejam bons ou maus. As características desse gênero consistem em colocar um dilema existencial de forma breve e categórica, partindo desse dilema no conto Shrek a criança se identifica com o personagem por ele possuir características que fazem parte da essência do homem. Shrek é criticado pela sociedade, tem hábitos inadequados, é desengonçado, sofre preconceitos, por isso é excluído da sociedade, tendo que se isolar no pântano.

O conto de fadas por sua vez, simplifica todas as situações. Nestes o mal é tão onipresente quanto à virtude, na maioria dos contos o bem e o mal recebem corpo na forma de algumas figuras e ações, assim o bem e o mal são também onipresentes em todo homem, assim argumenta Bettelheim (1980).

O mal não é isento de trações-simbolizadas pelo poderoso gigante ou dragão, o poder da bruxa, a astuta rainha na “branca de neve”- e com frequência se encontra temporariamente vitorioso. Em vários contos de fadas um usurpador consegue por algum tempo tomar o lugar que corretamente pertence ao herói- assim como as irmãs malvadas fazem em “borralheira”. Não é o fato de o malfeitor ser punido no final da estória que torna nossa imersão nos contos de fadas uma experiência em educação moral, embora isto também se dê nos contos de fadas, como na vida, a punição ou o temor dela é apenas um fator limitado de intimidação do crime. A convicção de que o crime não compensa é um meio de intimidação muito mais efetivo, e esta é a razão pela qual nas estórias de fadas a pessoa ma sempre perde. Não é o fato de a virtude vencer no fim que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas. (BETTELHEIM, 1980, pg.17.).

Assim no conto de fadas, Shrek, o mal, se torna presente na figura de vários personagens, seja na fada madrinha que faz de tudo para casar a princesa Fiona com o seu

filho, o príncipe Encantado, seja na família da princesa e na sociedade do reino tão distante, que não aceitam Shrek por ser diferente.

Dentre as principais funções e contribuições desses contos que encantam e transmitem valores humanos, tanto de forma positiva, quanto de forma negativa para as crianças, as quais se identificam com os personagens dessas narrativas, a identidade de gênero se destaca com maior visibilidade. A figura feminina e masculina é vista de forma estereotipada, onde o homem domina a mulher, sendo considerada assim inferior. Para Pantoja e Lobato (2012).

Em síntese, os contos de fada estão contribuindo com a propagação de ideologias que manifestam uma dominação masculina e estabelecem um lugar secundário para a mulher, fato que se dá de forma bastante implícita e a reprodução desse tipo de relação social acaba sendo “ensinadas” às crianças, escondidas por trás de sua suposta inocência. Consequentemente, com isso, não só as crianças, mas todos os leitores e ouvintes dos contos de fada estão formando sua forma de ver, entender e reproduzir as relações sociais ocorridas na sociedade de que fazem parte. (LOBATO & PANTOJA, 2012, p.3).

Entre tais perspectivas o conto Shrek representa uma figura de homem e mulher totalmente diferente, desconstruindo mais uma vez os paradigmas estabelecidos nos contos de fadas tradicionais.

### 3.2. O Conto de Fadas “Shrek: a história que inspirou o filme”



Figura 7: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

A mãe era feiíssima, o pai era feiíssimo, mas Shrek era muito mais feio que os dois juntos. Quando aprendeu a andar, Shrek já era capaz de cuspir fogo a cem metros de distancia e soprar fumaça pelas duas orelhas. Só de olhar, ele fazia os jacarés se esconderem de medo.

Se uma cobra bancasse a boba e o mordesse, ela entrava imediatamente em convulsão e morria.



Figura 8: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

Um dia os pais de Shrek trocaram más ideias e resolveram que estava na hora de o queridinho deles cair no mundo e fazer sua dose de maldade. Puseram-no então para fora de casa com um bom pontapé no traseiro. Foi a primeira vez que Shrek saiu do buraco negro em que fora criado.



Figura 9: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

E Lá se foi Shrek pela estrada, soltando seus gases horríveis. Adorava ver as flores murcharem e as árvores se vergarem a sua passagem. No meio de um mato escuro, deu com uma bruxa. Ela estava cozinhando morcegos num caldo de terebintina\* e tartaruga, e cantava enquanto mexia:



*“É assim que eu preparo os meus morceguinhos: Eu pego uns morcegos e tempero, de manha cedinho; Em fogo bem lento refogo os morcegos no meu caldeirão, E fico mexendo ate virar gosma Ate parecer um nojento pirão”.*

“Que fedor delicioso!”, salivou Shrek. Apesar de ser uma grande especialista em horrores, só de olhar para Shrek a bruxa caiu dura no chão. Quando ela voltou a si, Shrek pediu: “Diga o meu futuro, dona, que eu lhe dou alguns dos meus piolhos raríssimos”.

*“Está feito!”, grasnou a bruxa. “Presta bem atenção:” “Sou bruxa, velha adivinha, teu futuro vou contar. Um burro vai te levar a um cavaleiro feroz Que num sangrento combate tu vais derrotar. Então irás te casar com alguém de feiura atroz, Bem mais feia que tu: a princesa do lugar! Pé de pato, mangalô, ouça o que vou te dizer. É uma palavra mágica: “Apfelstrudel”, É melhor não esquecer!”.*

“Oba, uma princesa!”, exclamou Shrek. “Lá vou eu!” Não demorou muito e Shrek encontrou um lavrador cantando e ceifando. “Ei, jeca”, chamou Shrek. “Porque você esta feliz?” O lavrador cantarolou:

*“Eu nunca parei para me perguntar Por que é que eu vivo feliz a ceifar. Ceifando e cantando eu quero morrer, Então caia fora, cansei de te ver”.*

“Capiou”, disse Shrek, grosseiro. “O que você tem no seu embornal?” “Uns pedaços de frango assado.”. “Frango assado, frangote? Que delicia!”

A última coisa que o lavrador viu antes de cair desmaiado foi o olhar do Shrek aquecendo o almoço. Depois de comer tudo, Shrek foi embora. Por onde quer que o Shrek passasse, todas as criaturas fugiam. Como podia gostar de ser tão repulsivo?



Figura 9: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

Uns pingos de chuva grossa começaram a cair. Quando batiam na corcunda do Shrek, chiavam como água na frigideira.



Figura 10: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

“Já viu alguém mais nojento?”, o Relâmpago perguntou para o Trovão. “Nunca na vida”, trovejou o Trovão. “Vamos lhe dar uma lição”. O Relâmpago disparou seu raio mais terrível no cocuruto do Shrek. Shrek nem ligou: engoliu o raio, cuspiu um pouco de fumaça e deu uma gargalhada. O Relâmpago, o Trovão e Chuva caíram fora. Feliz da vida, Shrek foi em frente. Perto de um bosque, encontrou este cartaz pregado numa arvores:

*Presta atenção, viajante, É grande o perigo que corres: Dê meia-volta, não vá adiante, Se entras no bosque, tu morres!*

Shrek é claro, seguiu adiante tranquilamente. E, claro, mal entrou no bosque, um dragão enorme cortou eu caminho. Shrek sorriu e curvou-se, fazendo reverencias. O dragão derrubou-o no chão, mas Shrek nem ligou: ficou ali deitado, achando divertidíssimo.



Figuras 11 e 12: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem

O dragão preparou-se para esmigalhar Shrek. Mas Shrek acertou uma das suas pestilentas chamas azuis bem entre os olhos da fera. O coitado do dragão caiu para trás e ficou inconsciente ate o fim do dia.



Figura 13: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

Mas, depois quem estava fora do ar era o Shrek. Ele tinha dormido no meio do caminh0o. Sonhou que estava num campo florido, onde as crianças brincavam e os passarinhos gorjeavam. Algumas delas o abraçavam, cobrindo-o de beijos e carinhos sem parar. Ele acordou, balbuciando como bebê: *“Ainda bem que foi só um pesadelo... um pesadelo aterrador!”*.

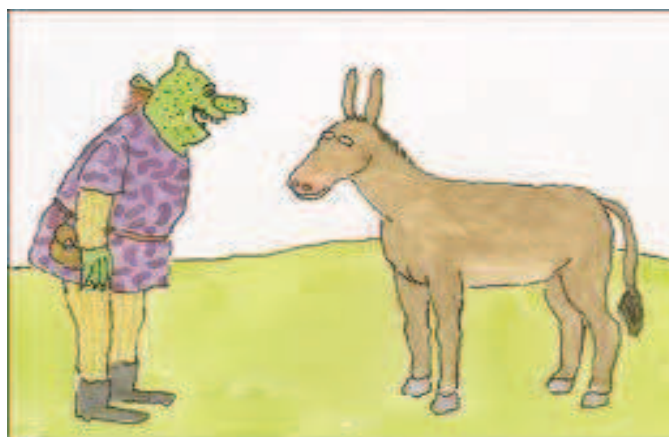


Figura 14: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

Shrek continuou a caminhada. Ia perguntando aos seus botões se um dia encontraria mesmo a tal princesa, quando viu um burro pastando. Será que era o burro de que a bruxa falara? Shrek correu ate ele e disse a palavra mágica: *“Apfelstrudel!”*. O burro ergueu os olhos sonolentos e zurrou: *“pelos campos vou andando, Pelos campos vou pastando. Eu pasto trevo e capim, Ando e pasto, pasto e ando, Nunca para, sou assim.”*



Figura 15: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

“Seu asno tagarela!”, berrou Shrek. “Não era para você me levar a um lugar, sei Lá onde?”  
 “Era sim. Ao cavaleiro biruta. Que guarda a entrada. Do castelo maluco. Onde a repugnante princesa espera.”. “Então me leve!”, gritou Shrek e pulou no lombo do burro. Chegaram a uma ponte levadiça diante da qual havia uma armadura. Shrek bateu na couraça de metal e perguntou: “Tem alguém aí dentro e lá no castelo?”. “Aqui há um cavaleiro que nada teme na vida, e lá dentro uma donzela horrorosa e bem-nascida”, foi à resposta. “É a princesa!”, exclamou Shrek. “A princesa com quem vou casar!”

“Por cima do meu cadáver tu terás que passar!”, rosnou o cavaleiro “Ah, é? Então vou passar”, concordou Shrek. “Engole tua bravura, ó verme de rapadura!”, rebateu o cavaleiro. “Sai da frente, que Shrek quer ver a noiva dele”, ordenou Shrek. “Chumbo de ferreiro. Mercúrio de feiticeiro, tua cabeça arrogante eu vou partir neste instante.” E o cavaleiro desceu-lhe a espada. Os olhos de Shrek faiscaram, ele abriu a boca e cuspiu uma rajada de fogo. O cavaleiro, torrãozinho, caiu nas águas do fosso. Com uma gargalhada sórdida, Shrek atravessou a ponte e entrou no castelo. E lá, pela primeira vez na vida, soube o que era ter medo.

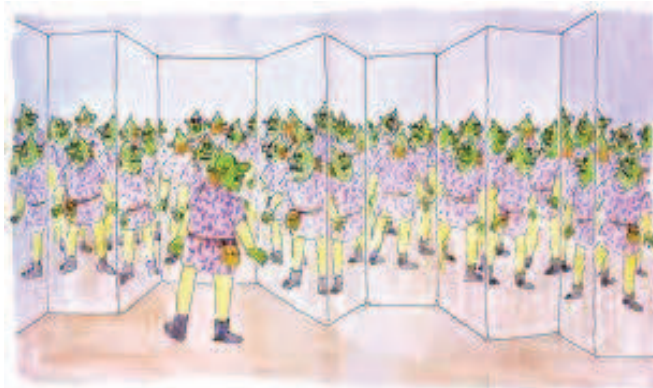


Figura 16: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

Em volta dele havia centenas de criaturas hediondas. Shrek ficou tão aterrorizado que mal conseguiu dar uma cusparadinha de fogo. Todos aqueles horrores cuspiram de volta. Ele saiu correndo; todos correram também. Deu um murro em um deles, mas seu pinho atingiu um vidro!

Shrek estava nas Salas dos espelhos! “Eles todos são eu!”, admirou-se. “**TODOS SÃO EU!**” Olhou-se nos espelhos, cheio de uma raivosa auto-estima, feliz por ser exatamente com sempre tinha sido. Entrou no salão e sua bocarra beijuda se escancarou. Bem ali, diante dele, estava a princesa mais horrorosa de todo o planeta. “Apfelstrudel”, Shrek suspirou. “Mangalo”, a princesa cacarejou.

Disse Shrek: *“tuas verrugas cascudas, tuas espinhas sebatas, Me encantam mais que as poças mais lamacentas.”*



Figura 17: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

Disse a princesa: *“Tua cabeça pontuda teu nariz melequento, Me enfeitiçam mais eu o sapo mais purulento.”*

Disse Shrek: *“Oh, que horrorosa tu és Com os teus lábios azuis, Teus olhos inchados parecem cheios de pus”. “Tu já sabes que te amo E sabes ate por que, É que não há neste mundo Princesa mais feia que vosmecê!”*

Disse a princesa: *“Teu nariz é tão peludo, Como tu és bexiguento! A nossa historia tem tudo Para acabar em casamento!”*

Shrek sapecou uma mordidinha no nariz dela. Ela tascou-lhe um beliscão na orelha. E os dois se engalfinharam num abraço de quebrar ossos. Não há duvida: nasceram um para o outro, como a fumaça e o fogo.

Trataram então de se casar o mias depressa possível. E viveram horríveis para sempre, apavorando todos os que tinham o azar de encontra-los.



Figura 18: Do livro “Shrek”. Fonte: Google imagem.

### 3.3. A Adaptação do Conto de Fadas “Shrek” para o Cinema e suas possíveis contribuições para a educação Infantil

Shrek é considerado um conto de fadas por que possui todas as características dos contos de fadas tradicionais. O livro foi escrito em 1990, pelo cartunista William Steig (1907-2003). Steig foi o responsável por reformular o príncipe que não seria mais um sapo, mas sim um ogro. Shrek é considerado uma alegoria dos contos de fadas tradicionais, em uma versão moderna. Veio para desconstruir uma visão ingênua de príncipe encantado, na figura de um herói valente, corajoso, mas sem beleza exterior e bom hábitos. Assim como Perrault no século XVIII, e os irmãos Grimm no século XIX, Steig adaptou os seus personagens de acordo com sua realidade. No caso de Shrek, ele se aproxima mais da sociedade moderna, pós-industrial e capitalista, mas sem perder o foco que é divertir e emocionar o público infantil.

Em 2001, o livro de Steig foi adaptado para o cinema pelo cineasta Andrew Adamson, pela Dream Word. Adamson criou Shrek numa versão computadorizada, mais moderna e sofisticada. Porém a intenção tanto de Steig, como Adamson era a mesma, “transmitir ao mesmo tempo significados manifestos encobertos e de falar simultaneamente a todos os níveis da personalidade humana, comunicando de uma maneira que atinge a mente ingênua da criança tanto quanto a do adulto sofisticado”. (BETTELHEIM, 1980 pg.14).

A história do ogro começa como tantos outros contos de fadas tradicionais, sempre com aventuras, na qual o herói é expulso de casa pelos pais, sai à procura de algum objetivo, no caso a procura da princesa amada que foi designada pela bruxa. Para Coelho (2000, pg.110), “a condição primeira para a realização desse desígnio é sair de casa; o herói empreende uma viagem ou se desloca para um ambiente estranho, não-familiar”. No caminho há sempre um desafio para o herói, no caso de Shrek existem vários desafios que o impedem de chegar ao castelo. “*Presta atenção, viajante, É grande o perigo que corres: Dê meia-volta, não vá adiante, Se entrares no bosque, tu morres*”! (grifos do autor) (STEIG, 2001, pg.11)

Contudo, Shrek parece não se preocupar com o perigo de entrar na floresta e segue em frente, características estas dos heróis dos contos de fadas, a valentia de não temer o perigo. Nessa aventura o herói sempre tem um mediador que o ajuda a enfrentar os obstáculos. Para Coelho (2000), “surge sempre um mediador entre o herói (ou heroína) e o objetivo que está difícil de ser alcançado; isto é, surge um auxiliar mágico, natural ou sobrenatural que afasta ou neutraliza os perigos e ajuda o herói a vencer” (COELHO 2000, pg.110). Em Shrek surgiu no meio do caminho um animal, o burro falante que o ajudará a encontrar a princesa. O fato de o animal ser um burro e não um alazão é vista como uma metáfora de alienação do homem na sociedade capitalista. O papel do animal é transportar o herói ao castelo.

No conto “Shrek!” (STEIG, 2001), Shrek já previa que iria encontrar o burro, o qual o levaria até o castelo maluco, enquanto no filme Shrek o encontro foi por acaso ao tentar fugir dos caçadores de criaturas estranhas, o burro esbarra no traseiro do Shrek, que salva sua vida, a partir desse momento mesmo com a insistência do burro em permanecer ao seu lado, tornam-se amigos para sempre. Na versão livro, o burro quase que ignora a presença do ogro, enquanto que na versão fílmica o burro insiste a todo o momento para ficar ao seu lado, não se importando assim com sua aparência ogra. A amizade que se constrói entre o burro e Shrek transmitem para a criança valores de lealdade e companheirismo. No desenrolar da trama Shrek tenta afastar o novo “perturbador”, ou seja, o burro, com um de seus gritos infalíveis, mas que dessa vez falha porque o burro não se assusta nem um pouco, ao contrário trata a questão com certa ironia, isso é percebido na fala do burro.

— [...] “*essa me assustou se você não se importa que eu diga, mas o seu bafó deve dar conta do serviço tá precisando de um chiclete de menta, que bafó horrível*”. (responde o burro).

— “*porque você está me seguindo?*” (pergunta Shrek impaciente)

- “mas que solidão, ninguém aqui ao lado, achei a solução, não sou mais maltratado, mais quem tem um amigo”... (o burro responde cantando, cantarolando).
- “não mim admira que não tenha amigo” (Shrek irritado com a música).
- “escuta ou burrinho, olha bem pra mim, o que, que eu sou”? (Com a esperança de o burro vê-lo como ogro).
- “bem alto”. (O burro dar a resposta sem entender a pergunta).
- “não. Sou um ogro”! (Shrek já irritado)
- “sabe, pegue suas tochas e rifles, não te incomodam isso”?
- O burro: “não mesmo”. (transcrição do filme Shrek 1,2001)

É reveladora a atitude do animal em relação à figura do ogro que se admira por que o burro não se importa com sua condição ogra, pois em todo momento Shrek foi ridicularizado por sua aparência feia, assustadora. Na versão livro Shrek aceita numa boa sua condição ogra, visto com clareza na parte em que ele se encontra na sala dos espelhos e com uma alta estima raivosa se admira! “*Eles todos são eu!*”, “*TODOS SÃO EU!*” (STEIG,1990,p.23). No filme, apesar de Shrek aceitar sua aparência, ele tem a clareza de que a sociedade não o aceita por ser diferente. Nesse sentido, o Referencial Curricular Nacional Para a Educação infantil, Vol.II, ressalta que “a autoestima que a criança aos poucos desenvolve é, em grande parte, interiorização da estima que se tem por ela e da confiança da qual é alvo” (BRASIL, 1998 pg. 30). A criança ao ver a autoestima transmitida por Shrek certamente ela se identifica com o ogro, trazendo contribuições positivas para sua vida.

O sentido de mal é simbolizado nos contos de fadas sempre na figura de alguns personagens, assustadores, gigantes, bruxas, ogros, dragões etc. a aparência do Shrek se confunde com o mal, pois, nesse sentido “O mal não é isento de trações-simbolizadas pelo poderoso gigante ou dragão, o poder da bruxa” (BETTELHEIM, 1980), mas em Shrek é diferente, o fato de ser um ogro verde com modos diferentes, não significa que seja mal, mas ao contrário, ele é um herói, um príncipe não convencional que salva vidas e resgata princesas que correm perigo no castelo vigiado pelo dragão, que também, foge dos padrões de maldade existente nos contos de fadas, apesar de cuspir fogo o dragão não é malvado, no fundo é um ingênuo dragão fêmeo que se apaixona pelo burro.

O conto de fadas **Shrek** é antagônico aos contos de fadas tradicionais, por que desconstrói um modelo de personagens estereotipados pela sociedade na qual foram criados tais contos. Adamson e Steig ao escrever e adaptar o conto faz a todo o momento uma crítica



à sociedade capitalista. Sociedade esta que exclui, discrimina quem foge do padrão estabelecido por ela. No conto, enquanto Shrek não saia do buraco negro, ou do pântano, toda a paz reinava. A partir do momento que o ogro é expulso de casa a pontapé tudo se desestabiliza, as plantas murcham com seus gases horríveis, os animais saem correndo, até a bruxa considerada má cai dura no chão.

O personagem Shrek transmite ao leitor/telespectador determinação, pois mesmo sendo expulso e abandonado a pontapé pelos seus pais, ele não desanima, sai feliz a procura do seu objetivo, a princesa amada que seria mais feia do que ele. Assim, muitas crianças se identificam com o herói exatamente por que ele traz a tona os problemas existentes no ser humano, como abandono, solidão, mas que mesmo assim é possível superar e dar a volta por cima. O medo do isolamento que as crianças têm ratifica o que Steinberg e Kincheloe (2001, p.14) chamam de crise da infância contemporânea “O isolamento aqui mencionado envolve separação tanto no sentido de ausência dos pais quanto de inexistência do espírito comunitário”.

Em 1980, Bettlheim já defendia a necessidade de apresentar para a criança heróis que saem pelo mundo sozinho, pois “a criança moderna não crescem mais dentro da segurança de uma família numerosa, ou de uma comunidade bem integrada”. (BETTELHEIM, 1980, p.19). “é importante prover a criança moderna com imagens de heróis que partiram para o mundo sozinho e que, apesar de inicialmente ignorando as coisas ultimas, encontram lugares seguros no mundo seguindo seus caminhos com uma profunda segurança interior” (BETTELHEIM, 1980, p. 19). O fato de o autor afirmar que a criança deve ter contato com heróis que saem pelo mundo sozinho, não significa que as crianças também devem fazer o mesmo, mas, que os problemas como abandono e solidão vão ser superados.

Só partindo para o mundo é que o herói dos contos de fadas (a criança) pode encontrar; e fazendo-o, encontrara também o outro com quem será capaz de viver feliz para sempre; isto é, sem nunca mais ter de experimentar a ansiedade de separação. (BETTELHEIM, 1980, p. 19).

Nesse sentido, Coelho (2000) defende “que a criança é levada a se identificar com o herói bom e belo, não devido a sua bondade ou beleza, mas por sentir-se nele a própria personificação de seus problemas infantis” (COELHO, 2000, p.55). Assim a criança abandonada pelos pais ao ver que Shrek também foi abandonado a pontapés pelos seus pais, mas que mesmo assim ele superou os problemas e saiu pelo mundo enfrentando o perigo, mas que sempre tem alguém que o ajudou, demonstra para a criança exemplos de superação, assim ela se identifica com o personagem Shrek não pela beleza exterior, mas por se ver

personificado no ogro, seja no comportamento externo, como arrotar na mesa, tomar banho de lama, seja no interno, como abandono, solidão, superação, bondade e alegria, por ser exatamente como ele é feliz por viver num pântano.



Figura 19: Do filme “Shrek”. Fonte: Google imagem.

O herói Shrek, por sua vez educa a criança a seguir os mesmos comportamentos de higiene, certo que ele é um ogro, por isso vive num pântano come lesma, insetos e toma banho de lama. No seu habitat natural não existem xampu, sabonete e creme dental. A criança não é ogro por isso não vai fazer o mesmo, mas ela é educada a hábitos de higiene por que Shrek apesar de não tomar banho de modo convencional ele o faz, toma banho e escova os dentes.

As crianças se identificam com o ogro de varias formas, não por ele ser diferente, valente, por salvar a princesa, ser feio ou belo, pois segundo Bettelheim (1980) “Não é o fato de a virtude vencer no fim que promove a moralidade, mas de o herói ser mais atraente para a criança, que se identifica com ele em todas as suas lutas”. (BETTELHEIM, 1980, pg.17). “a criança se identifica com o bom herói não por causa de sua bondade, mas porque a condição de herói lhe traz profundo apelo positivo” (BETTELHEIM, 1980, p.18). Shrek representa para a criança um herói valente, mas acima de tudo generoso, solidário, e bem humorado, desestabilizando a regras ditadas pelos contos de fadas tradicionais.

Shrek, “desobedece” a sociedade com certa ironia à medida que se apresenta como o oposto de príncipe encantado, bem educado dos contos de fadas tradicionais, apresentado nos filmes da Disney que estabelecem um padrão de indivíduo na sociedade, apesar destes filmes serem considerados ricos em questão de entretenimento e diversão, não mostram o homem tal como ele é. Ninguém é bom e mal ao mesmo tempo, o ser humano possui as duas facetas. Nesse caso o personagem Shrek traz uma nova concepção de homem e sua identidade. Uma

questão bem nítida presente nos contos da Disney nos quais Giroux analisou como A Pequena Sereia e O Rei Leão são as questões de “macho dominante” presente em tais filmes.

Os personagens femininos foram elaborados dentro de papéis de gênero estreitamente definidos. Todas as mulheres nesses filmes são definitivamente subordinadas aos homens e definem seu senso de poder e desejo quase que exclusivamente em termos de narrativas de macho dominante. (GIROUX, 2001, p.96).

Porém, em Shrek é diferente, os personagens Shrek e Fiona desconstroem os padrões e regras determinados pela Disney, no momento que o príncipe ogro entra no quarto da donzela que fingia lhe esperar para o primeiro beijo do amor verdadeiro, e assim quebrar o feitiço que a prendera no castelo, cercado de larvas, vigiada pelo dragão. O príncipe Shrek entra no castelo sem matar o dragão, e sem nenhum romantismo, e delicadeza, pega a princesa pelo braço e sai puxando-a. A mesma esperava que o seu amado recitasse um poema épico, um cancionero, porém isso não acontece.

Shrek ao chegar ao quarto mais alto, da torre mais alta, encontra a princesa que não seria sua, mas do Lord Farquad, ela estava deitada numa cama, fingindo-se de adormecida com um lindo buquê de flores na mão. Ele se aproxima lentamente e ao invés de dar o beijo tão esperado, a sacode e tenta acordá-la em um ato nada romântico. Observe-se a seguir, na transcrição de um trecho do filme “Shrek 1”, (2001):

- *Você é a princesa Fiona?* (pergunta Shrek).
- *Sou sim, esperando um cavalheiro corajoso que venha me salvar.* (responde um pouco decepcionada).
- *Legal!* (exclama Shrek sem perceber a ironia, e a puxa pelo braço com pressa).
- *Esperais cavalheiro encontramos-nos finalmente, não deveria este ser um momento maravilhoso?* (indaga Fiona).
- *É, desculpe madame, não temos tempo.* (Shrek mostrando um pouco de grosseria).
- *Espere o que está fazendo? Vos devias me tomar em vossos braços, pular pela janela, descer por uma corda até a vossa bela montaria?* (diz Fiona com raiva do ogro).
- *Teve muito tempo para planejar isso, não teve?*(responde Shrek). ( )

Tais discursos demonstram com clareza um modelo de homem e mulher presente na narrativa do conto Shrek. Fiona a primeira vista se mostra delicada a espera do seu amado, que seria um príncipe belo, montado no seu alazão, portando de um lado uma espada, do outro um estandarte, porém se decepciona por ver a rigidez e indelicadeza de quem a salva,

mostrando assim, à primeira vista, um estereótipo de homem rude e indelicado, o que será desconstruído no decorrer da trama quando ambos os personagens se mostram totalmente o contrário. Observa-se na narrativa a seguir.

Fiona no papel da mulher desconstrói um paradigma de mulher indefesa, a partir do momento que sai sozinha pela floresta, enquanto Shrek e o burro dormiam. Ela como uma princesa canta uma linda música, na qual os pássaros acompanham a melodia, até que uma ave morre com sua voz, e ela aproveita a situação para pegar os ovos e os fritar, deixando Shrek e o burro surpresos com sua atitude e inteligência. Num certo momento, enquanto comiam, Shrek se comporta com maus hábitos, e o burro o chama a atenção: *“Isso é jeito de se comportar na frente de uma princesa?”*, porém, Fiona retribui com o mesmo hábito. *“É tão nojenta quanto você”* (responde o burro),

Outra parte significativa que mostra um sentido de feminino é quando ao caminhar na floresta Robin Hood e os ladrões tentam ameaçar Shrek com uma faca, mas Fiona se irrita quando Robin Hood com seu jeito mulherengo tenta assediá-la. A princesa, porém, mostrando que sabe se defender sozinha, dar-lhes golpes de artes marciais, conseguindo assim, derrubar todos os ladrões. Shrek finge não acreditar na situação: *“não pode ser, como é que fez isso com eles, foi incrível? Onde aprendeu?”* (pergunta Shrek). *“Olha quando se vive sozinha agente aprende essas coisas, caso haja... uma flecha na sua bunda”* (Fiona se referindo à flecha na bunda do Shrek). Esse exemplo desconstrói uma visão ingênua que a mulher não briga e que o homem não chora, quando Shrek se ver com uma flecha na bunda, torna-se totalmente sensível a dor, até que sua amada puxa a flecha que o machucava.



Figura 20: Do filme “Shrek”. Fonte: Google imagem.

Nesse sentido, a personagem Fiona quebra o paradigma de mulher que vive em condições de inferioridade e subordinação em relação ao homem, determinado pela sociedade, pois a questão de gênero não é uma questão meramente biológica, mas social. Foram construídos nas crianças desde cedo um modelo de homem e mulher perfeitos, deixando assim, a mulher

inferiorizada ao homem. Fiona traz uma visão positiva da mulher descriminada, que a muito tempo foi negada nos contos de fadas tradicionais.

O homem por sua vez exerce um papel de cavaleiro, valente, corajoso, educado, belo, com bons hábitos e costumes. Shrek é diferente de qualquer príncipe encantado, primeiro ele “desencantou” um príncipe cavaleiro, na medida em que puxa pelo braço a princesa e sai correndo, fugindo do dragão. Fiona, porém, questiona a todo o momento que seu comportamento está errado, ele deveria tomá-la pelos braços, descer por uma escada até sua bela montaria, isso é o que fariam todos os príncipes de contos de fadas tradicionais. Mas, Shrek, no papel de homem solteirão, que vive sozinho, capaz de fazer sua própria comida, tem maus hábitos na mesa, ele arrota, toma banho de lama, é feio, horrendo, características estas que o diferenciam de qualquer outro príncipe. No entanto, Shrek não é todo antirromântico, a partir do momento que ele se apaixona pela princesa, torna-se romântico, leva girassóis para a sua amada.

Nessa perspectiva Shrek é um exemplo de produção midiática que educa a criança fora do padrão escolar de forma positiva, pois à medida que ele desencantou o príncipe, desencantou também a maneira ingênua da criança de ver esse príncipe, levando ela a refletir e torna-se um adulto mais crítico e desencantado, contradizendo o que Giroux (2001, p.89) critica que os filmes infantis da Disney “constroem um mundo inocente de infância de sonhos onde as crianças progressivamente encontram um lugar para situar nas suas vidas emocionais”. Em Shrek é diferente ele “desnuda” uma sociedade machista, estereotipada e preconceituosa que exclui quem foge das regras.

Assim é de suma importância mostrar os mais variados e possíveis meios de transmissão da educação levando em consideração o espaço social na qual as crianças estão inseridas, e como este age na sua educação, no entanto levando em consideração os diversos meios culturais que a Cultura infantil é transmitida, seja através de livros ou da mídia é necessário mostrar que os contos de fadas adaptados pelo cinema contemporâneo não são os mesmos transmitidos nos anos 60, por exemplo, quando surgiram os filmes da Disney, que aproxima mais da moral dos contos de fadas tradicionais. Nessa perspectiva os contos infantis adaptados na contemporaneidade desencantou a ingenuidade dos contos tradicionais e isso interfere na formação da criança de forma positiva, mas também negativa, entretanto, o conto de fadas Shrek é um exemplo desses contos que traz contribuições positiva para a educação da criança é o que foi visto no desenrolar dessa trama.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: “E VIVERAM HORRÍVEIS PARA SEMPRE”

“E viveram horríveis para sempre”, frase que conclui o enredo de William Steig, até a próxima adaptação de Adamson. Foi essa frase que chamou minha atenção, quando conheci pela primeira vez o livro de Steig, até então desconhecido Shrek, até o momento que o genial Adamson nos deu o prazer de apresentar Shrek em uma nova figura, tão construtiva quanto o livro, em termos de educação. Ao escolher analisar um conto de fadas e em especial Shrek, recebi críticas ferrenhas, até mesmo por professores da academia. Diziam que esse gênero não iria trazer nenhuma contribuição para a educação da criança, etc., todavia, ao investigar com um olhar crítico e reflexivo o conto, depois de ver e rever as adaptações percebi que este se constitui um ambiente rico e provedor para a educação da criança a até mesmo do adulto sofisticado, (BETTELLEIM,1980).

O conto de fadas Shrek, constitui-se como um gênero da literatura infantil com múltiplos olhares. Shrek educa em várias perspectivas, tanto a questão externa, como feio, belo, “normal”, diferentes hábitos de comportamentos, quanto questões externas, como autoestima, coragem, determinação, valentia, perseverança. Os contos de fadas, por sua vez, tem esse prestígio, levam a criança a se identificar com os personagens, sejam eles bons, maus, feios ou belos. O ogro nesse caso é um exemplo de superação, capaz de resolver problemas e angústias existentes na criança, a partir do momento que ela se sente rejeitada, discriminada por ser considerada feia por algum coleguinha na escola, ou até mesmo por fugir de padrões da sociedade que dita regras de normalidade. Elas se veem personificadas no personagem Shrek, que também era excluído da sociedade que o cercava, por isso ele vivia num pântano, apesar de gostar de viver ali não vivia por acaso, todos o discriminavam por ele ser um ogro. Mesmo assim, o ogro não desiste dos seus objetivos, recuperar o seu pântano que fora invadido por todos os personagens dos contos de fadas tradicionais. Nessa empreitada ele encontra o verdadeiro amor, uma princesa que se torna mais feia do que ele e vivem horríveis para sempre, sem se importarem com a aparência.

Shrek é um exemplo que as aparências enganam; que o feio também tem seu espaço na sociedade e que assim podem também serem felizes. O conto assim como todos os contos de fadas traz uma representação do feminino e do masculino como sendo ideais a serem imitados, assim a criança se identifica como os personagens de varias maneiras.

O filme Shrek nos apresenta uma mulher forte, valente, autodefesa. Um homem corajoso, que no final abre mão do seu espaço pela mulher amada, desconstrói um modelo de príncipe e princesa estereotipados nos contos de fadas tradicionais.

Nesse sentido cabe ao professor como mediador do ensino-aprendizagem proporcionar, como orienta o RCNEI, um ambiente facilitador desse processo. Devem-se criar situações em que a criança perceba o seu papel na sociedade, como ela deve ter contato com brincadeiras, tanto consideradas de menino, quanto de menina. O educador deve mostrar caminhos para que a criança perceba que a mulher não é frágil, que não serve apenas para lavar, cozinhar, cuidar dos afazeres domésticos, e que desconstrua a imagem que o homem não chora e que a mulher não briga.

Nesse sentido, este trabalho tendo Shrek como objeto intermediador do conhecimento, contribui de diversas formas para a criança. Assim, fez-se necessário situar tal gênero como sendo um conto de fadas, fazendo parte da literatura infantil, adaptado para o cinema pelos estúdios Dream Works. Daí partiu a necessidade de explanar um breve percurso da literatura infantil, sua relação com o cinema, constituindo duas linguagens literárias essenciais para a educação, contos de fadas, como surgiram, e quais seus respectivos percussores, Cultura infantil que abrange todos os meios de transmissão dessa cultura, seja livros, TV, Cinema etc. e infância, pois seria ingenuidade não dedicar algumas páginas a esse público, por que se não fosse elas as crianças nada disso seria possível. Até a próxima adaptação!

## REFERÊNCIAS

- BERNARDET, Jean Claude. **O que é Cinema**. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1991.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos Contos de Fadas**, trad. Arlene Caetano Rio de Janeiro: Paz e terra, 1980.
- BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. -Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. I e II.
- CALDIN , Clarice Fortkamp . A função social da leitura da literatura infantil. **Encontros Bibli**, n. 15, 1er. semestre, Universidade Federal de Santa Catarina, 2003. Disponível em: <[www.redalyc.org/articulo.oa?id=14701505](http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14701505)>. Acesso em: 11.set.2013.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria análise didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CURADO, Maria Eugênia. Literatura e cinema: adaptação, tradução, diálogo, correspondência ou transformação? **Temporis[ação]**, Goiás, v. 1, nº 9, Jan/Dez 2007.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**, Belo Horizonte: Autentica 2002.

FANTIN, Mônica. Mídia, Educação e Cinema na escola. **Teias**: Rio de Janeiro, ano 8, nº 15-16, jan/dez. 2007. Disponível em: <[www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/174](http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php/revistateias/article/view/174)>. Acesso em: 11.set.2013.

GÁRCIA, Cláudia Amorim, CASTRO, Lúcia Rabelo de Souza, SOLANGE, Jobime. O filme de Jajar Ponahi, “O Balão Branco”. In: **Infância, Cinema e sociedade**, Rio de Janeiro: Raul, 1997.

GIROUX, H. Os filmes da Disney são bons para seus filhos? In: STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. (Orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001..

LOUREIRO, Robson. Educação, Cinema e Estética: elementos para uma reeducação do olhar. In: **Educação & realidade**. v. 33, nº 1, 2008.

PALMA, Glória Maria. **Literatura e Cinema: a Demanda do Santo Graal& Matrix Eurico, o Presbítero& a Máscara do Zorro**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

PANTOJA, Carlos Augusto Sarmiento & LOBATO, Ladyana dos Santos, **Relações de dominação/subordinação de gênero no conto de fada tradicional “cinderela”**. Campina Grande, REALIZE Editora, 2012.

PERRAULT, Charles-1628-1703. **Historias ou contos de Outrora**: ilustrações Gustav Doré;. São Paulo Ed. Landy. 2004.

RODRIGUES, Flavio Luis Freire; Zaninelli, Renata. Literatura e Adaptação Cinematográfica: diferentes linguagens. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades da Unigranrio**. v. 8, n 31, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/reihm/article/viewFile/580/580>>. Acesso em: 11.set.2013.

**SHREK** (Shrek, 2001). Direção: Andrew Adamsom e Vick Jensem. Produção: Jeffrey Katzenberg, Aron Warner e John Williams. Los Angeles – USA: DreamWorks Pictures. 1 DVD, 2001.

SOSA, Jesualdo. **A literatura Infantil**. Trad. James Amado, São Paulo: Cultrix, 1978.

STEIG, William, **Shrek: o livro que inspirou o filme**, São Paulo: Companhia das letras, 2001.

STEINBERG, Shirley R. & KINCHELOE, Joe L. (orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.